

Kadical Paulistano

CAPITAL
Trimestre... 30000
Semestre... 60000
Ano... 120000

ORGAM DO CLUB RADICAL PAULISTANO

S. PAULO, QUINTA-FEIRA 26 DE AGOSTO DE 1869

PROVINCIAS

Trimestre... 40000
Semestre... 70000
Ano... 130000

Publica-se, por ora, uma vez por semana e professa a doutrina liberal em toda a sua plenitude, propugnando principalmente pelas seguintes reformas:

Descentralização:

Ensino livre;
Polícia electiva;
Abolição da guarda nacional;
Senado temporário e electivo;

Extinção do poder moderador;

Separação da judicatura da polícia;

Sufrágio directo e generalizado;

Substituição do trabalho servil pelo trabalho livre;

Presidentes de província eleitos pela mesma;

Suspensão e responsabilidade dos magistrados pelos tribunais superiores e pelo poder legislativo;

Magistratura independente, incompatível, e a escolha de seus membros fora da ação do governo;

Proibição aos representantes da nação de aceitarem no meiaço para empregos públicos, e igualmente titulos e condecorações.

Os funcionários públicos, uma vez eleitos, deverão optar pelo emprego ou cargo de representação nacional.

ASSIGNA-SE NA TYPOGRAPHIA DO «CORREIO PAULISTANO» E NA RUA DA BOA VISTA N.º 29, AVULSO 300 RS.

RADICAL PAULISTANO

A situação presente condenada pelos próprios conservadores

Surgindo em face do paiz e do mundo esta situação, o seu programa político resumia-se nas seguintes palavras: *moderação e justiça*.

Quando as instituições perigavam, no proprio dizer do sr. visconde de Itaboráhy (presidente do conselho), quando a intrincada questão das fihâncias se levantava terrível e ameaçadora no seio do povo, quando a guerra devorava o nosso sangue e a nossa fortuna, quando o problema da emancipação pedia sérios estudos e profundas meditações, quando, em fim, a nossa política, envolvida ainda no caos da situação passada, e mil outras questões importantíssimas, pediam aos homens do poder alguma solução, o ministerio de 16 de Julho apresenta-se no parlamento e diz—*moderação e justiça*; o ministerio de 16 de Julho passa em silêncio todas estas elevadas questões, e apresenta-se em face da nação sem um programa, sem uma idéa política.

Entretanto, elle dizia-se o salvador da patria, o regenerador dos nossos costumes.

Moderação e justiça nunca significaram, causa alguma em política, nunca serviram para destacar os partidos, nem definir as idéas e o programa de um governo; *moderação e justiça* devem ter todos os partidos políticos; *moderação e justiça* não podem deixar de acompanhar a todos os actos de um governo moral e juridicamente constituído.

Mas, apesar de tudo isto, esta situação não teve nem *moderação nem justiça*, e a prova disso nós a encontramos nas palavras de um senador que não pôde ser suspeito nem aos conservadores, nem tão pouco ao imperador, o sr. visconde de S. Vicente.

Disse s. ex. no senado:

«O ministerio que contra a vontade e interesses da corda, faz camaras unânimes, é o responsável por esse abuso, e se d'ahi resulta governo pessoal, tal não é a vontade do imperador.»

Deixando, sem fazer reparo, as palavras *contra a vontade e vontade do imperador*, as quais griphamos, vejamos a que considerações mais se pôde prestar o trecho do sr. visconde de S. Vicente, amigo particular do sr. d. Pedro II, e sustentador da política dominante.

Diz s. ex. que a feitura de uma camara unânime é um abuso, pelo qual está responsável o ministerio; e nós acrescentaremos, um abuso tão grave, tão prejudicial que chega até a ganhar as proporções de um crime, hediondo em si e funestíssimo em suas consequências.

Uma camara unânime quer significar as violências praticadas contra o partido vencido, quer denotar a opressão do voto, as perseguições feitas ao cidadão, a existência de um governo absoluto, em fim, a *tyrannia*, rodeada de todos os seus horrores, prosseguindo desassombadamente no caminho das immoralidades, e das injustiças.

Assim pois, o governo, que, affrontando todas estas considerações, faz uma camara unânime, é réo de um grande crime, é o algoz de sua nação, o verdugo da liberdade do povo, e o inimigo de sua própria moralidade.

O gabinete de 16 de Julho fez uma camara unânime, praticou um abuso, no dizer de um dos seus mais íntimos amigos, o sr. visconde de S. Vicente; é forçoso, pois, confessar, que a sua sentença está lavrada, e por um dos seus corregidores, que tem grande interesse em defendê-lo e justificá-lo.

Mas isto, ainda não é tudo; o sr. Perdigão Malheiros acaba de dizer na camara temporaria, naquelle recinto de *fiefs*

servidores do sr. d. Pedro II, e de criações do ministerio, referindo-se ao gabinete, que *moderação e justiça* «não é absolutista ou republicano—é obrigado a seguir estes principios.»

Que significação pôde ter, portanto, esta situação que se apresentou, para governar-nos, trazendo no seu programa unicamente as palavras—*moderação e justiça*?

Nenhuma; não somos nós que o dizemos, é o sr. Perdigão Malheiros, conservador como os ministros, amigo pessoal e político de s. s. ex. ex.

Mirem-se neste espelho os endeossadores da situação actual, e respondam, porém com a consciencia, não a nós, mas aos seus próprios corregidores, principalmente aos srs. Perdigão Malheiros e visconde de S. Vicente.

Meditação

Faleceu, ha pouco, na heroica província de Minas Geraes um dos chefes mais proeminentes do antigo partido liberal do imperio, o honrado sr. José Feliciano Pinto Coelho da Cunha, barão de Cocalas, largamente condecorado por S. M. o Imperador.

Foi um dos mais integros republicanos do Brasil, e baixou a campa tendo o perito recamado de medalhas cunhadas pelo nefasto imperialismo.....

O benemerito midelro, director principal da famosa revolução de 1842, em a sua legendaria província, foi o emulo mais distinto do cidadão Paes de Andrade, presidente da memorável república do Equador, o qual, depois de haver-se expatriado, morreu senador e grande do imperio.....

Estes varões illustres da democracia baixaram ao tumbolo cobertos de distinções honoríficas, em quanto a grande causa, que com tanto denodo e civismo defenderam, ainda hoje se estorce no leito de Procusto, que prepararam-lhe o imperador e os seus liberaes.

O povo desceu a ignominiosa condição de escravo, onde sofre a pena infamante da degradação; os seus dígnos chefes, porém, subiram ao fastigio das grandes heraldicas e das senatorias vitalícias.

O brilho dos diamantes da corda de Cesar deslumbra as vistos e conturba o siso dos crentes que buscam, pela corte, o caminho da promissão.

Proveitosa lição política é esta para os mocos democratas de hoje, que serão os Palinuros certeiros do porvir.

Elles terão de escolher, na ardua tarefa, para a qual se prestam, entre o cruel martyrio de Ratcliff e a faustosa felicidade cortezã, que os pôde transformar em regenerados egressos do liberalismo.

Que os illumine a sacrosanta aureola do calvario.

Dois gentos desiguais, que fazem liga

O sr. visconde de S. Vicente declara no senado de um modo ingênuo e digno de excitar antes o riso do que o furor, que com as nossas instituições não ha, nem pôde haver governo pessoal, porque tal governo só poderia significar subserviencia dos ministros e cumplicidade das camaras.

E quem nega este facto, que está mais que patente a todas as vistos? sómente s. ex., e todos aqueles que não se querem tornar impossíveis para o governo desse imperio bragantino.

O mais espirituoso, entretanto, é a razão que dá o illustre senador para justificar estas asserções, e é a seguinte: que

os ministros pedem demissão, que as camaras o accusam; e daqui conclue s. ex.: logo não ha governo pessoal.

Os ministros se pedem demissão é porque a isso os obriga a vontade unica desse paiz, a do sr. d. Pedro 2.º que muito aprecia as mutações de scena; e se as camaras lhes fazem oposição, é porque não deixam de ter os olhos fitos para a luz, que parte de S. Christovão, e os braços abertos para agarrar as pastas ministeriais, que lhes fluctuam constantemente em face de suas pequenas ambicões.

Mas, a este respeito, observou o sr. Octaviano (em aparte ao sr. visconde de S. Vicente) que o ministerio é demissível ad libitum e a camara é feitura do ministerio.

A vista disto, declarou s. ex. que o mal está na falta de liberdade eleitoral.

E porque não estará tambem nos altos poderes que a corda possue, perguntaremos nós, por nossa vez?

Não, a corda é uma criação superior, esta isenta de paixões e de luxurias mesquinas, e, nestas condições, conserva-se sobranceira a todo o erro e superior a todos os maus.

E, pois, para o sr. S. Vicente, a origem unica das nossas infelicidades a falta da liberdade eleitoral, conquistada a qual tem os brasileiros obtido o supremo bem, podendo, de então em diante, descançar tranquillos a sombra da liberdade, da gloria e do futuro da causa da patria.

E justamente este o modo de pensar do sr. Saraiva; s. ex. nada quer ver na corda, senão luz e felicidades para o paiz, não procura enxergar em suas prerrogativas, a não ser segurança e elementos de prosperidade em favor dos brasileiros.

Mas, o que significa, no meio de tudo isto, o antagonismo entre o sr. visconde de S. Vicente e o sr. Saraiva, quando ambos estão nas mesmas idéas, quando ambos militam no mesmo terreno, e fazem sentinelas no mesmo quartel?

Porque razão um se diz liberal e o outro conservador, quando os seus principios políticos, as suas vistos governamentais se combinam perfeitamente, se identificam de um modo completo?

Porque não se diz o sr. visconde de S. Vicente liberal, ou o sr. Saraiva conservador, se ss. exs. estão de perfeito acordo em relação ás idéas políticas, que professam?

Este facto em um paiz moralizado que se governasse pelas formas representativas, teria uma significação imensa, e despertaria no seio do povo uma indignação profunda; mas, no Brasil, onde se regula pelo absurdo, tem elle sectários e imitadores, e, de certo modo, aplausos bem significativos, principalmente para o rei e para aquelles que o querem servir a todo o custo.

No fundo de toda esta scena observam-se duas grandes verdades, e são: a primeira que, tanto o sr. visconde de S. Vicente, como o sr. Saraiva estão abraçados, para receberem do imperador a nova palavra de ordem, que tem de continuar a obra da destruição, posto que o sr. S. Vicente se cubra com o manto real e o sr. Saraiva com os farrapos do povo; a segunda, que o paiz será o único longado em todo este jogo, ora tragicó, ora cómico.

E, nestas condições, amanhã o imperador chamará os srs. Saraiva e S. Vicente para um ministerio commun, sobre o que ha muito se falla, dizendo-se elles amigos, como sempre; e se o capricho imperial dirigir as couças por outro caminho, os mesmos srs. continuarião a manter a guerra mutua, considerando-se *inimigos irreconciliáveis*.

Que homens! que paiz! e que moralidade!

Pobre povo, que futuro te aguarda!

A guerra do Paraguay

Colocada esta grave e suprema contenta em um terreno pessoal, tendo ella como *desideratum*, não, desafrontar os brios nacionais e garantir a nossa livre navegação pelas aguas do Paraguay, mas, depôr a Lopez, substituindo o seu governo por um outro, que o nosso julgasse legitimo e conveniente, fez-se a guerra á pessoa do presidente da república e não á nacionalidade paraguaya.

O governo do Brasil, por este modo, esqueceu-se dos principios mais sagrados do direito e das lições mais vivas da experincia, e deu a esta desastrada luta, que nos consome a fortuna, a vida e a honra, um carácter excessivamente fúnebre, tanto em face do direito, como em relação ás conveniencias do imperio.

Feita assim a guerra contra o Paraguay, nós não tivemos em mira desafrontar, por meio della, a honra do Brasil, e garantir os seus direitos junta a essa república inimiga, mas, satisfazer pequenos odios de vingança, e estender á esas regiões a funestíssima política que o nosso governo tem constantemente propagalizado para com as repúblicas do Prata; política, da qual temos colhido sempre e sómente odios, pobreza, perdas de vidas e, sobretudo, vergonhas.

O governo do sr. d. Pedro 2.º, não contente com o absolutismo que exerce neste pobre paiz, e que tem sido a causa unica de todas as nossas desgraças; não satisfeito com o seu infeliz predomínio junto ás repúblicas do Prata, quiz ir além, estendendo a sua vontade soberana até o territorio paraguayo, e assim fez o exercito brasileiro marchar para o teatro da guerra, não com o fim de defender a soberania do Brasil e salvar os seus interesses, mas, pelo contrario, de aniquilar a soberania dessa república, ferindo o que ella possue de mais nobre e sagrado.

Nestas condições, foi a guerra assentada sobre bases inteiramente falsas, tendo em mira um fim, sem duvida alguma, injusto e inconveniente, deixando os nossos soldados de representar, pelo capricho do governo, a causa da patria, para internar-se em uma vereda escabrosa, da qual não lhe é dado sahir vitorioso e com gloria.

Se outro tivesse sido o procedimento do nosso governo, se as suas vistos se tivessem encaminhado pelos principios de justiça, certamente esta guerra estaria acabada, tendo-se conseguido para o imperio as satisfações necessárias, e as garantias precisas, que elle tinha direito a exigir do Paraguay.

Mas, o governo, cégo de odio e impelido por pequenos sentimentos, esqueceu todas estas considerações, e lançou-se em uma guerra toda pessoal, de onde não nos é dado esperar bons resultados, ainda mesmo que nos fosse possível depôr a Lopez e firmar no Paraguay a comedia do governo provisório, para, mais tarde, ahí estabelecermos um definitivo, tanto nosso como o primeiro, e tão ridículo como elle.

Ainda mesmo que nos fosse dado alcançar tudo isto, realizando-se, por este modo, todas as esperanças do sr. d. Pedro 2.º, em vez de benefícios e garantias para o nosso paiz, conseguiríamos, ao reverso, unicamente males e prejuízos, principalmente em relação ao futuro.

Taes são sempre as consequencias de um mau princípio; o erro também tem a sua logica, e esta é tão funesta como elle.

Em primeiro logar, conseguindo as nossas armas expellir a Lopez do território da república, arrancando-lhe o poder, para da-lo a um outro, nos era preciso manter e consolidar o governo deste ultimo, e para isto tinha o Brasil de conservar, por algum tempo, parte do seu exercito e de sua esquadra no Paraguay,

R. do Jardim do Ipiranga

Carta

despendendo assim alguns bons milhares de contos com a manutenção do governo paraguaio e com a conservação de nossas forças nessas regiões.

Em segundo lugar, depois que tudo isto estivesse realizado, voltariamos para o regaço da pátria em busca do repouso; mas este seria de pouca duração, porque, apenas tivessemos dado as costas à república do Paraguai, esta, lembrando-se que o governo que dirigia os seus negócios era o fruto monstruoso de uma força brutal e inimiga, e não o resultado de uma delegação sua, trataria de substitui-lo; para, mais tarde, reunindo nossos recursos, atirar-nos pela segunda vez, a luta do desafio.

Estes factos não são uma criação imaginária, pois que elas se estão representando todos os dias entre nós e a república de Montevideó.

Entretanto, o sr. d. Pedro 2º e os auxiliares que o cercam não querem vê-los, e continuam firmes na sua incurável cegueira.

Mas, o governo ainda não pôde conseguir nenhum dos seus desejos nesta guerra, e vê-se hoje impotente em face de Lopez, que, a todo o custo, defende os seus direitos e a soberania do seu paiz; o governo vê-se, pois, em frente de duas derrotas. E o paiz que soffra todas estas vergonhas e misérias.

Nestas tristes conjecturas, o ministério e aqueles, que o sustentam deliram, e começam a apresentar alvitres dignos de lastima, se não fossem indecorosos, infamantes e prejudiciais ao império.

O sr. visconde de Itaborahy (presidente do conselho e continuador da política do gabinete passado) fala, é verdade que no seio de um caricato parlamento, mas de onde a nação escuta, do abandono da guerra, e o sr. Junqueira, interpretando fielmente a política do gabinete, que é a de S. Christovão; diz:

« Quando não podermos mais sustentar a guerra, o exercito brasileiro se retirará do Paraguai, como os franceses se retiraram do Mexico. »

Que bela solução! que prazer não irá ella causar no paiz, e, principalmente, que admiração não provocará no estrangeiro!

Abandona-se a guerra, e os brasileiros retiram-se do Paraguai, como os franceses do Mexico; mas o que conseguiremos nós com esta medida? maior nodão do que aquella que tingiu as armas napoleónicas, nessa desastrada campanha porque a que elas ainda deixaram Maximiliano no phantasticó throne do Mexico, e nós nem uma comédia de sangue semelhante a essa podemos alcançar.

Além disto, Napoleão não tinha que defender as fronteiras da França no Mexico, e nós temos Matto-Grosso no Paraguai.

Este exemplo, pois, não nos pôde servir, porque não se justifica uma desonra por meio de outra, nem um crime se legalisa com a existência de outro crime.

Napoleão 3º violou no Mexico os princípios do direito das nações, e sacrificou os interesses da França; recebeu em recompensa a derrota e a vergonha; d. Pedro 2º na questão do Paraguai vai-lhe seguindo os passos, a consequência a seu respeito não pôde, portanto, ser duvidosa.

Chegado a este ponto, não ha senão dois alvitres a seguir; cantinuar pelo mesmo caminho e ir até o fundo do abismo, ou recuar, e tomar nova vereda.

O ultimo destes meios, estamos certos, que s. magestade não o aceitará; o seu orgulho não consente uma submissão dessa ordem; o abismo é, pois, o seu fito; e o Brasil que se desgrace e se deshonre.

O imperador está muito alto e a nação muito baixa, é justo, portanto, que por mais uma vez seja ella pisada e humilhada pelo seu soberano senhor.

Cousas do sr. Alencar

O celebre ministro da justiça declarou na sessão de 9 do corrente na camara dos designados, as seguintes memoráveis palavras:

« A ascenção do partido conservador foi a *suprema lex*; e se as revoluções fossem legitimáveis, a revolução que tivesse produzido semelhante resultado teria sido legítima. »

O partido conservador apresentou-se no memorável dia 16 de Julho como o salvador deste pobre paiz, como o anjo regenerador da nossa política; foi a sua ascenção uma *suprema lex* no dizer, não só do sr. Alencar, como também de todos os panegeristas deste ministerio moribundo e desta situação decrepita.

Entretanto, o que tem feito os srs. conservadores? o que tem salvo? o que tem regenerado?

As cousas marcham pelo mesmo caminho, ou ainda peor: as urnas foram violadas, os direitos e a moralidade dos cidadãos foram desrespeitados, a guerra continua em peor estado, a descrença nacional lava de um modo descommunal, e como nunca, os partidos cada vez mais se desorganizam, em fin, o estado do paiz é miserável e assustador; e o partido conservador está no poder, tendo a sua frente os seus homens mais eminentes.

É em face deste painel de lagrimas e de sangue, de pobreza e de desonra, que o sr. ministro da justiça ainda ousa dizer ao paiz, que a ascenção do partido conservador « foi a *suprema lex* » e que, se as revoluções fossem legitimáveis, a que tivesse produzido semelhante resultado teria sido legítima. »

Ha nestas expressões uma escandalosa mentira, e um escarneio atirado com ou sadia à face deste povo, martyrisado pelos desmandos do poder despótico que o rege.

O partido conservador não tem sido no poder mais do que um dedicado aperfeiçoador da política que morre com a sua ascenção; todas as escenas tristes que os seus antecessores representaram, elle as está repetindo, porém com cores mais vivas e em caracteres mais temíveis e desanimadores para a nação.

Apresentem-nos os conservadores um único acto que elles tenham praticado, desde o luctuoso dia 16 de Julho até hoje, digno de merito e favorável ao paiz, mostrem-nos um ponto em que se tenham destacado do sistema político da situação passada, que nós nos callarmos; fazemos ainda mais, lhes perdoamos todos os males que o seu governo tem commetido, em menoscabo das leis e em prejuízo deste povo desventurado.

Queremos um único facto bom e legítimo; nós nos contentamos com esta bagatela.

Mas, tal é o estado lastimoso em que se acham os homens, que hoje dirigem os destinos desta nação, que nem isto podem fazer!

Entretanto o sr. Alencar ainda ousa levantar a cabeça, querendo ser juiz, desconhecendo a sua posição de réo, e de réo que não pode ter defesa.

Uma revolução só pôde ter lugar, quando o povo quer mudar uma ordem de cousas contraria ao seu bem estar e desenvolvimento, quando elle procura depôr um governo que o opprime e tyranniza, que o desmoraliza e o humilha.

Nestas condições, uma revolução quer dizer uma mudança de sistema governamental, uma reforma de instituições.

Nunca uma nação se levanta contra um governo constitucional, para estabelecer em seu lugar um outro de natureza e de vidas identicas.

É verdade que muitas vezes a força das circunstâncias o leva a isso; a revolução francesa esmagou a tyrannia de Luiz 16, para cair nos braços do despotismo militar de Napoleão 1º, mas o povo francês não abateu o primeiro rei, para erguer sobre as suas cinzas o segundo; a ascenção de Napoleão 1º ao trono da França foi um acontecimento, filho das circunstâncias, e não uma consequência da revolução, e, muito menos, a causa de seu apparecimento.

Feitas estas considerações, é fôra de dúvida, que nunca poderia dar-se em nosso paiz uma revolução, que tivesse por fim depôr o governo progressista, substituindo-o pelo conservador; porque este, mantendo-se fiel aos seus princípios políticos, não podia ser senão um continuador do sistema governamental dos primeiros, e se o não fosse, seria, pelo menos, em excesso ilegítima.

Mas, o trecho, em questão, do impagável ministro da justiça, ainda se sujeita a outras considerações:

Para s. ex. o direito de revolução existe e não existe; existe, quando elle faz subir os conservadores ao poder, não existe, quando é o triunfo da democracia sobre a tyrannia, a victoria da liberdade em prejuízo da escravidão, o apparecimento da moralidade e do direito surgindo sobranceiros ao crime e à prostituição.

Para o nobre ministro a revolução não existe por um lado, porque elle pôde ser prejudicial à coroa, existe para os conservadores, porque s. ex. banquetea com elles.

Isto quer dizer que o sr. Alencar nunca se esquece da sua pessoa e do imperador, e que, para elle, o povo nada significa na balança da justiça e no destino das nações.

Quando um povo é governado por um regimen livre e democrático, quando a sua soberania é uma realidade, e a sua vontade dirige o governo, pode-se dizer que o direito de revolução não existe, porque o povo não precisa revolucionar-se, para conseguir aquillo que elle pôde obter por meio da eleição.

Mas, quando em um paiz existe um senado vitalício, independente da nação e inacessível a sua sancção, opondo-se por causa de seus interesses pessoais a tudo quanto pôde fornecer a liberdade; quando em uma nação existe um poder que é vitalício, hereditário e irresponsável, que possue as mais importantes e supremas atribuições, nada podendo a vontade do povo contra a sua vontade, quando em um estado deixou de ser para o seu governo a liberdade uma religião, o direito um princípio e a moralidade um altar, sem dúvida alguma, o direito de revolução existe, e não pôde deixar de existir.

A sua negação seria o esquecimento da dignidade da natureza humana, dos seus sagrados direitos de defesa; seria a prova da escravidão do povo em favor da soberania e da divindade dos reis.

Semelhantes princípios não podem ser aceitos, e o proprio sr. ministro da justiça está mais que convencido da sua falsidade; a soberania do povo, a bondade e a sabedoria divinas protestam contra este absurdo, offensivo à moralidade e aos direitos do homem.

Liberdade de cultos

III

Se a liberdade de cultos é uma necessidade em face dos interesses da igreja católica e dos princípios que a devem dominar; se a protecção que o estado lhe concede é um peso que a esmaga e um veneno que a corrompe, não é menos real que ella é um princípio fundamental, de que as nações e a humanidade não podem prescindir, e um elemento de vida, para a segurança dos direitos do individuo, e para o seu firme e duradouro engrandecimento.

Abrâa o estado uma religião, quer protestante, como na Inglaterra, quer católica, como no Brasil, protegendo-a, em prejuízo das outras, concedendo aos seus adeptos direitos e prerrogativas que os outros não possuem, é uma das ofensas mais grave que se podem fazer ao individuo, porque, deste modo se o fere naquillo que elle tem de mais íntimo, de mais puro e de mais inviolável—o mundo de sua consciência, a santidade de suas crenças.

A sociedade vê-se também, nestas condições, abalada, devidindo-se em dois grupos: um de cidadãos e de filhos, outro de estrangeiros e enteados; um que tem direitos e prerrogativas, outro que nada possue, que é perseguido, ou que, se o deixam viver em paz, é menos por um princípio de justiça, do que por um favor, uma tolerância.

Este estado de cousas é na realidade triste, é contrario à natureza humana, à boa ordem e ao bem estar da sociedade. Elle aniquilla, em vez de elevar, destróe, em lugar de construir e mata, longe de dar vida.

A missão do estado é outra inteiramente diversa; elle nada tem com a consciência e a fé dos individuos, que estão sujeitas à sua jurisdição; seu fim é diverso, e limita-se em manter a ordem, distribuir a justiça e garantir o livre desenvolvimento de cada um, sem affectar o desenvolvimento de todos.

Que tem o poder civil que o cidadão seja católico ou protestante, mahometano ou deista, se elle respeita as leis do paiz, se elle é um bom pai de família, se elle vive em paz, trabalhando para o progresso de sua pátria e de sua família?

As questões achão-se completamente destacadadas; o mundo das relações eclesiásticas é distinto daquelle que diz respeito aos negócios do estado; cumpra, pois, cada qual os seus deveres, nos seus justos limites, sem invasão reciproca de atribuições, que as duas sociedades viserão, com vantagem de ambas, em muita prosperidade e em completa harmonia.

Mas, em quanto os imperantes civis se quizerem intrometer nos negócios espirituais, e, por sua vez, as autoridades eclesiásticas procurarem invadir os poderes seculares, dar-se-ha a confusão dos misteres de uma e outra sociedade, e com ella a anarquia, o absolutismo, assim de um, como do outro poder.

Em quanto o imperante civil procurar o poder eclesiástico, para dar mais for-

ca e prestígio ao seu governo, e as autoridades espirituais buscarem o manto do seculo, para aumentar o seu poder, os cidadãos serão opprimidos, e os seus direitos prejudicados, e, no meio de tudo isto, a fé do individuo, não poderá jamais ter uma significação sincera, porque elle pôde ser muitas vezes o resultado de uma especulação ou de um interesse, mais ou menos mesquinho.

Quando o estado quer obrigar o individuo a aceitar uma fé, elle nada consegue, a não ser a violação da consciência, a mentira, a hipocrisia e, a afinal de contas, a descrença e o indiferentismo para com essa propria fé que o poder procura fazer prosperar pela força de meios injustas e inconvenientes.

Dar a cada um, o que é seu, é um dos princípios fundamentais do direito, a cujo cumprimento ninguem é permitido fugir; assim cumpre dar ao estado o que é do estado, e à igreja o que é da igreja.

O mundo interno, a consciência do individuo, a sua fé não podem estar sujeitas senão às regras que dominam as relações espirituais; o mundo exterior, aquelle que se traduz na sociedade civil deve, por sua vez, obedecer aos preceitos estabelecidos pelo poder secular.

As primeiras giram na esphera da igreja os segundos na do estado.

Tanto aquellas como estes são precisos à sociedade, porém, nada podem alcançar de útil e de justo, sem que se mantenham em seus devidos limites.

Logo que esta harmonia desaparece, o cidadão perde o seu carácter e a sua independencia, e o fiel as suas crenças e as suas esperanças.

Nestas condições, estabelecendo a nossa constituição no seu artigo 5º, a religião do estado, tolerando a existencia das outras, sob condição que elles se mantenham na modestia de um culto privado, firmou um princípio falso, contrario à sciença, aos direitos do cidadão e dos fiéis; offende a inviolabilidade das consciências, plantando uma doutrina que, além de tudo, vai sacrificar os interesses da propria igreja católica, roubando-lhe o que elle possue de mais íntimo e nobre—a independencia e a soberania.

O estado não pôde, pela sua missão e pela natureza de suas atribuições, analisar qual das religiões é a melhor, e proteger uma em prejuízo da outra; esta competencia possue sómente o individuo; só elle tem o direito de fazer esta escolha e de conceder esta protecção.

Logo, pois, que a autoridade civil desrespeita estes princípios, elle offende direitos muito sagrados, prejudicando interesses muito vitais da sociedade.

Estabelecida uma religião de estado, cumpre conceder alguns direitos aquelles que pertencem a elle, e negar-los aos que se achão fôra do seu seio.

Obdecendo a este preceito, a nossa constituição premiu que fossem deputados sómente os fiéis da igreja romana, não consentindo que os filhos de outras crenças, ainda que fossem tão bons cidadãos, ou melhores do que os primeiros, podessem ocupar esse cargo, e, por tal modo, servir ao seu paiz.

Esta restrição é uma grave injustiça. O cidadão tem o direito de ocupar todos os cargos publicos do seu paiz, só pelo simples facto de ser cidadão, e ter capacidade; e este direito traduz-se em muitas occasões em um dever, a cujo cumprimento ninguem o pôde legitimamente impedir.

A Inglaterra, porque tem ministros, deputados e lordes protestantes não deixa por isso de ser um dos paizes melhor governados do mundo, em quanto que entre nós, onde todos se dizem cathólicos o governo é uma anarquia.

Nos Estados Unidos, onde o governo não quer saber das crenças religiosas do cidadão, o povo vive no maior progresso e felicidade; notando-se ahi, mais que em lugar algum, o grande adiantamento que o catholicismo tem conquistado, apesar de ser uma realidade nesse paiz o preceito—igreja livre em um estado livre; o que tanto temem os nossos católicos políticos.

A igreja de estado entre nós só tem conseguido dois resultados, funestos ao catholicismo, e prejudiciais à nação: o indiferentismo religioso e a hipocrisia, coberta com as vestes da igreja do Christo.

Os sacerdotes cathólicos, fildos na protecção do estado e delle dependentes, temem-se esquecido dos seus deveres e de guiar as suas ovelhas, e estas, à vista dos exemplos dos seus pastores, estão completamente descrentes e ignorantes das santas verdades do catholicismo.

Os templos cathólicos enchem-se entre

no, como ainda a repulsiva degradação em que abysmaram o povo!

Admirem os grandes senhores este padrão de ignomina, para vergonha sua e opprobrio do paiz que os supporta com humildade e abjeção.

Gottschalk

Tambem admiramos o genio.

Tambem nos apressamos a render homenagem ao grande compositor e pianista, o orgulho da America.

Luiz Gottschalk, uma das mais esplendidas manifestações artísticas do novo mundo, elle que deo a grande república do norte o direito de não invejar os Thalberg, os Litz e os Chopin, é o irmão no futuro da mocidade brasileira, que no momento que corre trabalha por demolir a muralha chineza posta entre a terra de Santa Cruz e a patria de Lincoln.

Este titulo de fraternidade, tanto como os titulos artisticos, nos merece muito.

Nos, futuros cidadãos da America livre, temos e presamos como nossas as glórias da grande confederação americana.

Seus grandes vultos, são tambem cidadãos nossos.

Ao grande artista, pois, nosso preito sincero e entusiasta de admiração e apreço, e um abraço de irntãos.

O grande artista, quando retirado do Brasil, nas suas horas silenciosas de viajante, ha de ter reminiscencias do que viu e ouvio neste grande imperio bragan-tino.

No meio delas, serão por certo as mais vivazes as que lhe deram, não o mundo oficial, mas sim as vozes latentes deste povo de subditos, verdadeiro mundo subterraneo, no qual prepara-se a regeneração brasileira.

Esta lembrança andará reunida no espirito do eminent artista á convicção de que o desenvolvimento das artes caminha ao par da emancipação politica.

As artes e a liberdade são duas irmãs; quando uma está ausente a outra soffre.

E o grande segredo por onde se explica a pobreza artística do povo brasileiro, que é rico, entretanto, de todas as condições de talento e inspiração, pelo simples facto de viver neste explendido scenario tropical, aonde o céo de fogo, o mar imenso, as florestas gigantes, as auras embalsamadas, as tradições indígenas e as montanhas phantasticas formam um dos mais bellos conjuntos de harmonias eternas.

Isto é que é a America do Sul.

A sociedade brasileira ha de em breve elevar-se á altura do explendido scenario que lhe deo a sorte.

COLLABORAÇÃO

As novas idéas

On devrait être entendu quand on parle de politiques radicales.

(Jules Simon).

Temos chegado infelizmente a uma epocha em que tudo, se pôde dizer, se acha corrompido.

Não nos pareça exagerada a proposição, porque a cada passo achamos para ella uma applicação.

Não importa; é este o caso de se dizer: quanto pior, melhor.

O paiz inteiro parecia apodrecer de inacção e indiferentismo, enquanto o mal minava lento a destruição.

Hoje o grito de alerta—mudão-se as scenas; maldis-se o passado e procura-se trabalhar para a rehabilitação de um povo.

Nós, os radicaes, a quem cumpre como primeiro dever a propaganda, temos restricta obrigação de levantar bem alto a nossa bandeira para que a conhecção e a distinguão.

Mostremos com o dedo no horizonte revolto do paiz a estrela que nos leva; destaque-mos a com clareza, afim de que não mais se levantem os argumentos do sophisma e da maledicencia.

É um facto notavel que se observa n'este paiz, devido não sabemos si é máfia, ou mais naturalmente à ignorancia.

Pretende-se destruir, inutilisar a primeira vista, sem estudar e conhecer tudo quanto apresenta o character de novidade, muitas vezes com destino a grandes melhoramentos.

Infelizmente não podemos fugir aos golpes d'essa espada tyrranica.

Abramos, pois, o Evangelho de nossas crenças, e apostolos dedicados explique-

mos á luz da razão os symbolos da democracia.

Exforcemo-nos por bem compreender o chefe de nossa escola, a quem sempre tomaremos por bússola fiel.

Accusão-nos não sei si amigos ou inimigos, de uma politica deficiente, sem um fim certo e determinado, de não dizermos abertamente si somos monarchistas ou republicanos.

Dizem mais—vós que vos levantaes agorao paiz como partido novo, vós vos que proclamaes o mais liberal, aquelle que realisa in totum as legitimas aspirações populares, dizeis que não pretendes o poder, vos chamaes apenas propagandistas.

Devemos responder com a calma da consciencia e com a certeza do futuro.

Si esses argumentos banais são os mais poderosos que o sophisma e a subtiliza politica poderão engendrar, então não os contemos como obstaculos á nossa carreira.

Jules Simon resume o seu programma radical em duas palavras.

«Liberdade total e a menor accão.»

Esta é a base de todo o sistema.

Quanto maior for a somma de liberdade de tanto menor será o poder da autoridade.

O radicalismo é uma sciencia e como tal não admite restrição; tem um ideal e marcha para elle.

Conclue-se que nós queremos a felicidade completa do povo, e essa só se acha com a liberdade total e com a menor accão do poder, pouco nos importam as denomições, por isso que um principio absoluto não tem restrições nem limites.

Mas, collocados entre a monarchia e a republica, a qual daremos a preferencia?

A sciencia, a historia e a experiência nos dizem, que é na segunda onde se encontra maior somma de liberdade; onde se reflecte o ideal do povo e onde parece estar o marco do progresso humano.

Logo, para a coherencia dos nossos principios devemos preferir a segunda, que é mais perfeita do que a primeira.

Supportamos a monarchia como um estado de transição e como a forja popular, cujas labaredas hão de purificar o solo da patria.

Mas os nossos adversarios nos perguntarão, porque não pedimos claramente a republica?

Por ventura quem pede a liberdade completa não pedirá a republica?

E esta incompativel com aquella, ou uma se completa pela outra?

Sois propagandistas e não pretendes o poder, dizem os adversarios.

A propaganda é uma necessidade.

E este o meio mais efficaz para a reforma dos costumes e das leis.

O povo precisa de instruir-se, de collocar-se em certo pé de conhecimentos e de luzes para o perfeito goso de seus direitos e da liberdade a que aspira.

«A propaganda, disse um deputado francez, fallando dos resultados por ella obtidos em França, é um dos maiores elementos de civilisação. Propaguemos, pois, que propagar é nossa missão, e propaguemos pelo espírito, pois que o espírito é nossa grande, nossa primeira força.»

Jules Simon é quem nos diz que para chegar-se a liberdade completa deve-se caminhar por conquistas parciaes e solidas.

Ora, actualmente reconhecemos como as mais urgentes, como necessidades fundamentaes as reformas que constão do nosso programma; pelo que por elles primeiramente trabalhamos.

Realisadas que sejam elas, o povo saherá por si exigir o seu desideratum.

Essa será então a occasião do poder.

Feita a opiniao publica, firmada a doutrina democratica no coração popular pela discussão clara, pela força do raciocinio, então poderemos pretender o poder; certos de que, firmado na vontade nacional, elle será legitimo e poderá fazer a felicidade da nação brasileira.

S. Paulo 25 de Agosto de 1869.

TAVARES GUERRA.

TRANSCRIPÇÃO

O Brasil e o partido radical

Temo-nos ocupado especialmente com a repartição dos negocios da fazenda a cargo do sr. visconde de Itaborahy, porque hoje mais que nunca a questão financeira no Brasil é vital.

Ella domina e arrasta todas as outras, absorve todas as atenções, e ameaça subverter e revolucionar o paiz.

E necessário fazer parar o carro da

prodigalidade, dos desperdícios e dos erros financeiros.

As questões frivolas de matriculas de estudantes, de ajuda de custo aos bispos viajantes, as razões porque subiram ao poder uns e desceram outros não são proprias deste tempo calamitoso.

Aqui seja-nos licito repetir as immortais palavras de Thiers por occasião das ultimas eleições em França:

«A Europa, disse elle, caminha rapidamente para o republicanismo.

«Não se deixem illudir os que ainda são moços.

«Em consequencia dos erros dos governos, que cedem quando deviam resistir que resistem quando deviam guiar, o tempo que se aproxima será um medonho periodo de transição, de lutas, de sangue derramado, terrível para todos, e por nossa parte damos graças a Deus por não ter de viver para presenciar estas horríveis scenas.

«Os problemas politicos e sociais chegaram a um ponto tal de urgencia que as nações serão daqui em diante totalmente arrastadas a resolver tudo, su-primindo tudo.»

Na orbita deste imperio americano se annuncia a mesma constellação, que pre-diz a tempestade. Os anciores vêem dian-te de si uma revolução. Não se illudam os moços; preparem-se para conjurar o furacão e organizar novamente esta sociedade americana, que sahirá de um caos.

Não cessaremos de clamar: o estado financeiro do paiz é ruinoso, amanhã será impossivel evitar a bancarrota, depois a revolução.

O governo de S. Christovam tem absorvido todas as dívidas publicas e particulares.

O tesouro está convertido em um banco de depositos de todas as fortunas e economias particulares.

A titulo de emprestimo tem absorvido o cofre dos orphãos, os bens dos defuntos e ausentes, os do evento, os depositos de diversas origens, e tudo isto é apenas uma gotta d'água lançada no oceano dos creditos extraordinarios.

Emprasamos o sr. visconde de Itaborahy para que declare quais são os meios, quais as operações financeiras que pretende pôr em practica para estabelecer a ordem nas finanças do paiz, elle que declare se é possivel salvar o Brasil de uma bancarrota conservando o sorvedouro dos creditos extraordinarios.

As despezas votadas pela lei do orçamento no corrente exercicio montavam a 68.230.221\$091.

Os creditos extraordinarios fizeram subir a 152.553.316\$186!!

E possivel salvar o Brasil de uma ruina certa com semelhante practica financeira?

Que sejam trancadas as portas do thesouro nacional; que não penetre lá um só credito extraordinario, e ainda assim não será suficiente esta medida para se conjurar a tempestade.

E necessário que não se despenda um real improductivamente.

E necessário que o thesouro não perca um real com a diferença do cambio.

E possivel que se tenham criado novos impostos, que se esteja affligindo e torturando o povo brasileiro para se arrecadar durante o exercicio de 1867 a 1868 a somma de 5.020.822\$000 para despendar, só em diferenças de cambio, quantia maior; isto é, a de 5.129.660\$069?

Premios de lettras, descontos de bilhetes da altandega, 200.000\$000. Para juros dos bilhetes do thesouro 3.326.440\$272.

A vista destes enormes prejuizos, como manter o orgulho e presumpção de financeiro?

Como pensar em estabelecer a ordem nas finanças do paiz?

O vicio da organização, está demonstrado, deve ser extirpado pela raiz.

E necessário que a nação suprima todo o mal, para depois resolver o problema de seu bem estar, de sua prosperidade e grandeza.

(Da Opinião Liberal).

CHRONICA

Mais esta! —Lê-se na Opinião Liberal

«A residencia dos srs. duque e duquesa de Saxe e filhos na Europa traz aos cofres um accrescimo de despesa não pequeno.

A felicidade e prosperidade deste pobre paiz exigem que se remettam aquelles sacros penhoros, os seus pingues vencimentos; mas, como o papel do sr. Itaborahy

rahy não circula na Europa, deve-se-lhes pagar em euro, ao cambio de 27.

Seria muito curioso que o sr. Itaborahy nos dissesse em quanto importa, no espaço de dois annos, esse augmento de despesa com a familia imperial, que tanto nos tem felicitado e nos vai felicitando.

O rei e o partido liberal

Recebemos com este titulo um folheto, continuado de um outro que já foi publicado com o mesmo titulo.

«O rei e o partido liberal» contém grandes verdades, das quais o paiz deve ficar sciente para saber como é illegitimo o governo do sr. d. Pedro 2.º, que, sendo continuado do d. Pedro 1.º, se acha em oposição flagrante com todos os principios fundamentaes da politica e do direito politico.

O autor desse opusculo mostra com dados historicos as infidelidades e os prejuizos praticados por Pedro 1.º, tanto para com o Brasil, como para com Portugal; e que elle foi forçado a proclamar a independencia desta infeliz terra, para salvar os seus interesses individuaes, e nunca por amor dos brasileiros.

Falla-nos da constituinte do modo indigno e infame porque foi ella dissolvida, e dos tramas miseraveis que nessa occasião forjou d. Pedro 1.º de combinacion com sua corte.

«O rei e o partido liberal» só contém verdades, para as quais chamamos a attenção dos nossos concidadãos, afim de que elles conheçam os tramas em que tem sido envolvidos, e as misérias tanto do primeiro como do segundo reinado.

Honra ao seu autor, que, com tanta franqueza, soube mostrar ao paiz as suas profundas e sanguinolentas chagaz.

ANNUNCIOS

Aos carpinteiros

Precisa-se de 4 carpinteiros para trabalharem em uma fazenda adiante de S. Bento. Para tratar na rua da Boa-Maria n.º 18.

Cosinheira

Precisa-se de uma na rua de S. Bento n.º 19, loja.

Attention

Quem quizer alugar uma casa forrada e assalhada para as festas da Penha, e em boa rua na mesma freguezia, procure tratar com seu dono nesta cidade na travessa da rua do Quartel n.º 3.

Companhia Paulista

No dia 26 de Setembro proximo futuro, às 10 horas da manhã, terá lugar no escriptorio desta Companhia em São Paulo, a rua do Carmo n.º 72, a reuniao semestral ordinaria das respectivas acionistas que pelo presente sejam avisados daquelle occurrence.

Assim como 350 acionistas da mesma acionistas a virão substituir os recibos provisórios que possuem, por titulos assignados pela directoria. Esta substituição se fará desde já em todos os dias utiles, no escriptorio da mesma companhia, das 10 horas da manhã às 3 da tarde.

As Pilulas Catharticas

DO DR. AYER

As Pilulas Catharticas do Dr. Ayer são desejadas pelas sciencias chímicas e medicas superiores a tudo quanto existe, para produzir o mais perfeito purgativo, conhecido entre os homens. Provas inúmeras têm demonstrado que estas PILULAS contêm virtudes que sobrepujam as demais remedios comuns e que têm obtido ineqüiparável estimão do genero humano. Agradáveis ao paladar, elas são inteiramente inócuas e eficazes. Entre outras propriedades, estimulam a ação vital do corpo, removem as obstruções dos órgãos, purificam o sangue, purgam os maus humores que geram e agravam as indisposições, fazem que os órgãos degredados recuperem a sua ação natural e comunicam saúde e vigor a todo o sistema. Não só curam os males comuns do corpo, senão também as enfermidades perigosas que afigam a maior parte do genero humano. E' o mais seguro e melhor medicamento que se pode dar aos meninos. Estão cobertas d'assucar e por isso são agradáveis ao paladar e, sendo plenamente vegetais não lhes causam dano. As curas que com elas se têm obtido, se não fossem comprovadas por passadas vidas e de alta posição e respeito social, poderiam abrir margem à dúvida. Muitos médicos eminentes têm concordado para estabelecerem a sua reputação, testificando que esta preparação tem contribuído muito para alívio de sua clientela afeita.

O ALMANAK e MANUAL DE SAÚDE DO DR. AYER, que se encontra gratis em nossa agência geral, contém direções para o uso das PILULAS CATHARTICAS e certidões de curas, em casos de: Dores de Cabeça, Estomago rujo, Dysenteria, constipação ou prisão de ventre, falta de appetito, náuseas, indigestões, hemorroidas, tontura, rheumatismo, e todas as enfermidades que requerem um evacuante. Com eficácia para limpar o sangue e estimular o sistema, curam também padecimentos tais, como Neuralgia, irritabilidade nervosa, desarranjos do fígado e dos rins, gota, surdes, cegueira parcial, paroxismos, paralisia, supressões e enfermidades análogas, que se originem no estado debilidade física e obstrução dos órgãos e funções.

Ha muitas e muitas espécies de PILULAS, mas o público deve trazer em mente que as

Pilulas Catharticas do Dr. Ayer,
são o melhor remedio para todos os casos em que se precisa de um laxante.

São preparadas unicamente pelo

DR. J. C. AYER & CO.

Chimicos Practicos e Analyticos,
Lowell, Est. de Mass., Est. Unidos da America
e não vendidas no

IMPERIO DO BRASIL.

PELO

UNICO AGENTE, H. M. Lane,

15, RUA DIREITA, 15

RIO DE JANEIRO,

e na principais farmacias e draparias da Corte e Províncias.

DEPOSITO EM S. PAULO

Rua Direita n. 46.

Vigor do Cabello,
DO DR. AYER,

Para renovação do Cabello.

O Grande Empenho da Época !

O Vigor do Cabello é uma preparação ao mesmo tempo agradável, suave e eficaz, para conservar o cabello. O cabello seco ou ruivo retorna a sua primitiva cor e brilho e o víço do cabello dos moços; o cabello ralo, torna-se denso, o que cai, preserva-se e as calvas muitas vezes bem surpreendem, com o seu uso. Quando se folheia este emerto ou as grandes atrocidades, não ha que possa reformar o cabello sem uma aplicação como o Vigor do CABELLO, a qual, excepto de subtilezas defeitas que tornam algumas preparações perigosas e injuriosas ao cabello, e muito dissimilares a essa parte e sedimentos que tanto consomem para sua queda, conserva o limpo e forte e longo sempre, sem poder dano-lhe. Dest'aí o Vigor é o mais desejável dos ornamentos do homem.

TOCADO R.

Este não contém óleo, nem tintura, não é capaz de manchar nem o mais alto lenço de cambraia; perfura o cabello, de lhe brilhante lustre e espalhe-lhe agradável perfume.

Depósito geral no Brasil

H. M. Lane, 15, Rua Direita.

UNICO AGENTE.

DEPOSITO EM S. PAULO

Rua Direita n. 46

Pastilhas estomacais

Do dr. Borghoff

Feitas de novo, acham-se à venda na confecção de A. Nagel, rua do Rosário n. 19. 10-10

Bailes e casamentos

Penteados para bailes, casamentos, especiais e festas de igreja; coques, cachepeignes, friados à Imperatriz, cachos à Maria Antoniette, tudo de gostos inimitáveis, flores artificiais, o que ha de mais fino. Extractos maderinos, e finalmente tudo o que se pode desejar para bonitos toilettes; as exmas. aras. encontrarão no salão Acadêmico Commercial, no largo do Palacio n. 8, em casa de

Avelino de Souza Figueiredo. 5-4

Vende-se a chácara na rua da Mooca n. 17, muito bem arborizada, com um grande pasto todo feito, boa agua, e lugar muito agradável: para ver e tratar na rua do Rosário com o sr. Joaquim José Teixeira Sandim.

3-2

Vende-se a chácara na rua da Mooca n. 17, muito bem arborizada, com um grande pasto todo feito, boa agua, e lugar muito agradável: para ver e tratar na rua do Rosário com o sr. Joaquim José Teixeira Sandim.

3-2

Loja de fazendas e modas
22 e 24 Rua da Imperatriz 22 e 24

VICTOR AUGUSTO MONTEIRO SALGADO participa ao respeitável público, que chegou do Rio de Janeiro com um lindo e variado sortimento de fazendas modernas, que jamais veio a esta cidade, a saber:

Ricos cortes de vestido de setim macau, escozezes, ditos em peça, setins macau com lista, dito dito liso e de todas as cores, cortes de nobreza, escozezes e riscadinhos, nobreza pretas e de cores em peças, gorgorão preto para vestidos e colletes.

Ricos cortes de foulard de seda a Ristori, completa novidade, ricos cortes de vestido de gaze de seda bordados a matiz. Gazes de seda farta-côres em peça, baregas de seda listadas, ricos cortes de vestido de pouppeline, de duas saias a Ristori, lindos vestidos feitos de pôl de chevre, ricas capas de cashimira matisadas para senhoras, ricos paletots de veludo e gorgorão de seda com cintos de graca para senhoras.

Enfeites de seda e lã para enfeitar vestidos.

Envisevices para todos os preços, tendo modernos como ainda não vieram a esta cidade.

Ricos leques de marfim, ditos de madeira para senhoras e meninas.

Poupelines com listas de seda, variado sortimento.

Sortimento completo de alpacas pretas e de cores, dito de pôl de chevre.

Um completo e variadíssimo sortimento de fazendas de 18 escozezes para vestido de senhoras, completa novidade.

Dito de cassas, percales, esc. saczes.

Completo e variadíssimo sortimento de chales de todas as qualidades.

Meias para senhoras, meninas e homens.

Completo sortimento de chitas e percales escozezes e de outros padrões.

Muitas outras fazendas de gosto que é difícil mencioná-las em um jornal.

Calçados

Botinas de setim branco, a Amazonas.

Sapatos de setim branco.

Botinas de duraque de cor, bordadas.

Ditas enfeitadas.

Ditas de couro fino da Russia.

Ditas de pelica, de cores.

Ditas pretas a Amazonas, enfeitadas de cores.

Ditas brancas, de cores sem enfeite.

Completo sortimento de calçado para meninas e meninos.

Chinelos avelludados.

Chapéos

Chapéos, toucas linhos e enfeites moderníssimos para senhoras:

Chapéos de sol de seda para senhoras.

Ditos para homem.

Ditos dito de ruão branco.

Chapéos de pello, modernos para homem—última moda—comb ainda não veio a S. Paulo.

Chapéos para meninas.

Ditos para meninos.

Boentes de seda preta para homens, os quais se podem meter no bolso do collete de uma criança.

Casimiras de cores e pannos, o obrengar.

Tem o maior e mais completo sortimento de casimiras moderníssimas para calça e costumes.

Pannos pretos finos, próprios para casaca.

Ditos mais baratos.

Dito azul para ponches.

Ditos finos azuis para todos os preços.

Attenção

Aos ilum. ars. proprietários de chácaras, oferece-se um bom jardineiro hortelão prático em todas as plantações do paiz; sabe exsertar de diversas qualidades. Quem o pretender dirija-se à rua da Esperança n. 9, hotel, com as iniciais, letras A. A. S.

3-3

Campinas**100000 de gratificação**

Fugio à Generoso Pires Barbosa, de sua fazenda em Campinas, à quinze dias, mais ou menos, um seu escravo de nome João, pardo claro, de idade de vinte e sete anos, olhos pequenos, rosto fino, corpo regular, e mesma estatura, bons dentes, pisando para dentro, e falor alegre. Responde também pelo nome de Baptista. Quem o mesmo capturar e levá-lo à seu senhor em sua fazenda, ou na cidade de Campinas a Joes Braz de Oliveira, se gratificará com a quantia de 100000. Ha notícia de que o dito escravo foi visto para os lados da Agua-choca.

10-10

Mme Cesarine Chamerey, continua a exercer a sua profissão, e está às ordens das senhoras que a quiserem honrar com sua confiança, à rua Direita n. 2, 1.º andar.

10-2

Pedro Chiquet

47-RUA DO ROSARIO-47

Compra ouro e prata brilhantes. Paga bem.

12-2

LOJA DO BARATO**LARGO DO CHAFARIZ**

Em frente á Igreja da Misericordia
Bernardino Monteiro de Abreu

Grande sortimento de roupas feitas, finas e grossas, e officina de alfaiataria. Aprompta-se toda e qualquer obra com perfeição, brevidade e barateza.

VENDE-SE BILHETES DE LOTERIA

S. PAULO 15-3

Companhia Paulista

Ignorando-se a residencia dos sr. accionistas abaixo mencionados não pôde ter lugar a entrega das circulares que lhes eram dirigidas, convocando-os para a reunião de assemblea geral da companhia, que deve ter lugar a 26 de proximo fature de Setembro; e por isso são os mesmos ars. convidados a comparecer em qualquer dia útil, das 10 horas da manhã até às 3 da tarde, no escriptorio da companhia, em a cidade de S. Paulo à rua do Carmo n. 72, afim de fazerem a substituição dos recibos provisórios que possuem por títulos assignados pela directoria, na forma dos estatutos.

Antonio Borges Junior.

Arthur Augusto Moreira Guimaraes.

Candida (filha do sr. Antonio Luiz Velloso).

Francisco Peixoto Ferreira de Sousa.

Joaquin José da Silva Neiva.

Teixeira, Nogueira de Almeida.

Joaquina Maria do Carmo Pinheiro.

Lúdio Lino Alves Barroso.

Mandel José Moreira Guimaraes.

Salvador Pires Barbosa.

Victorino José de Seixas.

O secretario, J. S. FERNANDES.

10-5

Hotel**Da estação de Jundiahy**

O abajo assignado faz sciencia ao respeitável publico e com especialidade a seus fregueses do interior da província, que contém com este estabelecimento, sempre prompto em bem servir os fregueses, donde apresenta todas as vantagens para os sr. viajantes por estar junto á estação donde se embarca.

Assim como faz sciencia que querendo mudar-se dessa província até o fim do anno, por isso previne as pessoas que querem comprar este estabelecimento que se podem dirigir ao mesmo para ver e tratar.

ANTONIO JACINTO DE MENDONÇA.

10-9

Livros à venda

Lobo, Notas a Mello, 4. vol. 16000
Elementos do Direito Político, por Macaral, 1 vol. 18000
Arbena, droit natural, 1 vol. 18000
Lobo, Fazendo, 2 vol. 40000
A venda no escriptorio do Correio Paulistano.

THEATRO DE S. JOSE'

ASSOCIAÇÃO DRAMATICA PAULISTANA
Domingo 5 de Setembro
Espectáculo em beneficio do actor

J. Augusto B. de Souza Filho

Representar-se-ha pela primeira vez neste teatro o muito aplaudido drama em 3 actos, original francês:

AMOR E MORTE**Denominação dos actos**

1.º Amor e morte.
2.º A Vingança.
3.º Arrependimento e perdão.
01.º acto passa-se em S. Salvador dos Pyrinos, 2.º em Paris no palacio da condessa Diana n'uma noite de baile, 3.º em casa do dr. Stephen.

Personagens
A condessa Diana. D. Francisca Deolinda.

Teresa (montanheira). D. Rita Leal.

Maria. D. Bárbara Montanheira.

Jorge Verner. O Benfeitor.